



UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL

CÁSSIA REGINA FERREIRA DOS SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS: “IERECÊ A GUANÁ”
E “INOCÊNCIA”, DE VISCONDE DE TAUNAY**

DOURADOS-MS
2015

CÁSSIA REGINA FERREIRA DOS SANTOS

**A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS: “IERECÊ A GUANÁ”
E “INOCÊNCIA”, DE VISCONDE DE TAUNAY**

Trabalho de conclusão apresentado ao Curso de Letras Habilitação Português/Inglês da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em Letras.

Orientadora Prof^a. Dr^a. Zélia R. Nolasco dos S. Freire

DOURADOS-MS
2015

S234r Santos, Cássia Regina Ferreira dos

A representação das personagens: “Irecê a Guaná” e “Inocência”
de Visconde de Taunay/ Cássia Regina Ferreira dos Santos.
Dourados, MS: UEMS, 2015.

Monografia (Graduação) – Letras – Universidade Estadual de Mato
Grosso do Sul, 2015.

Orientadora Prof^ª. Dr^ª. Zélia R. Nolasco dos S. Freire.

1. Representação 2. Personagens 3. Taunay, Alfredo Maria Adriano
d'Escragnollel, 1843-1899. I.Título

CDD 23.ed. - B869

É concedida à Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul a permissão para publicação e reprodução de cópia (s) deste Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), apenas para propósitos acadêmicos e científicos, resguardando-se a autoria do trabalho.

Data e assinatura do autor

CÁSSIA REGINA FERREIRA DOS SANTOS

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE MATO GROSSO DO SUL
CURSO LETRAS HABILITAÇÃO PORTUGUÊS/INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

A REPRESENTAÇÃO DAS PERSONAGENS: “IERECÊ A GUANÁ” E
“INOCÊNCIA”, DE VISCONDE DE TAUNAY

APROVADO EM: ____/____/2015.

Profa. Dra. Zélia R. Nolasco dos S. Freire

(Orientadora/ UEMS)

Profº. Dr. Neurivaldo Campos Pedrosa Junior

(Examinador)

Profº. Msc. Cleber José de Oliveira

(Examinador)

Dedico este trabalho primeiramente a Deus, e depois a minha família pelo apoio e a minha orientadora, pela paciência e pela ótima instrução a qual me ofereceu.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente quero agradecer a **Deus** por ter me ajudado a lutar até o fim.

Agradeço aos amigos da família “**Dora**” e “**Dr. Marcos**” por me abrigarem com tanto amor e carinho.

Agradeço a minha mãe, **Sônia Regina** imensamente por nunca ter medido esforços para me apoiar, e até mesmo, por ter deixado de viver sua vida para me acompanhar nesta jornada da vida.

Agradeço também, meu pai, **José Oliveira** por ter sido tão compreensivo e paciente com a decisão da minha mãe.

Agradeço aos meus primeiros chefes que abriram as portas para mim, **Elza Ferreira e Reissoli Venâncio**.

Agradeço a colega de trabalho, **Zélia Cordeiro** por me ensinar que somos todos iguais.

Agradeço aos meus **professores** que contribuíram para meu conhecimento e aprendizado nesta jornada acadêmica. Queria mencionar um professor muito querido que me marcou demais nesta fase, **Luís Otávio** “*In Memoriam*”.

Agradeço a minha querida orientadora **Prof. Dr. Zélia Nolasco** por acreditar na minha capacidade, e ter paciência comigo ao me instruir neste trabalho.

Agradeço aos **colegas** da faculdade que me ajudaram, dando-me atenção nas horas de tensão e desespero.

Agradeço em especial minha grande amiga **Jéssica Parisi** por estar comigo durante esses anos e ainda mais, me incentivando e acreditando na minha capacidade.

Agradeço uma amiga muito querida **Cassianna Picolo** pelo apoio e por sempre ter acreditado em mim.

Agradeço meu amigo **Luciano Pitteri** pelo apoio e por me ouvir todas as noites.

Agradeço aos meus avós, **Olinda e Ulisses** pelo incentivo.

Agradeço a minha linda irmã **Cátia Regina** por me apoiar.

Agradeço em especial

E por fim, quero agradecer a todos que de alguma forma fizeram parte desta conquista.

RESUMO

O presente trabalho busca analisar comparativamente as duas personagens femininas “Irecê a Guaná” e “Inocência” de Alfredo d’Escagnolle Taunay. Ambas tem uma participação importante para a construção histórica do Brasil, por representarem a participação da figura feminina (uma índia e outra branca) dentro de um contexto político, social, familiar e cultural brasileiro. O que muito consubstancia esse projeto de pesquisa são as questões: Como as personagens femininas são tratadas nas narrativas citadas acima, como foram construídas e para respondê-las debruçaremos de modo especial sobre as análises, pois por muito tempo, a produção literária ficou restrita ao mundo masculino, a mulher não tinha vez, sua voz era silenciada. Destacaremos também, o processo de intertextualidade encontrado nas obras de Alfredo d’Escagnolle Taunay, sendo um conto e um romance. A perspectiva nos estudos comparatistas, já não se dá tanta importância para a questão da influência, isto é, quem sofreu influência de quem.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura Comparada, Literatura e História, Mulher, Taunay.

ABSTRACT

This study aims at comparing the two female characters “Irecê a Guaná” and “Inocência” of Alfredo d'Escagnolle Taunay. Both have an important role for the historical construction of Brazil, because they represent the participation of the female figure (an Indian and one white) within a political, social, familiar, cultural and Brazilian context. What really embodies this research project are the questions: How the female characters are treated in the narratives mentioned above, how they were built and to answer them, we will lean especially on the analysis, because for a long time, literary production was restricted to man's world, women had no time, her voice was silenced. We will highlight also the intertextuality process found in the works of Alfredo d'Escagnolle Taunay, a short story and a novel. The outlook in comparatists studies, no longer gives much importance to the question of influence, that is, who was influenced by whom.

KEYWORDS: Comparative Literature, Literature and History, Woman, Taunay.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
CÁPITULO I - O UNIVERSO FEMININO NAS OBRAS DE VISCONDE DE TAUNAY	12
CÁPITULO II - ABORDAGEM SOBRE TAUNAY E SUA OBRA	16
2.1 O Regionalismo de Taunay no século XIX	17
2.2 Sobre a obra <i>Inocência</i>	21
2.3 sobre a obra <i>Irecê a Guaná</i>	26
CAPÍTULO III - UM AMOR REAL TRANSPOSTO PARA A FICÇÃO	32
3.1 semelhanças e diferenças entre <i>Inocência</i> e <i>Irecê a Guaná</i>	33
CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	38

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem o propósito de analisar como o comportamento da mulher foi representado pelo escritor Visconde de Taunay, no século XIX e também como se dá o envolvimento amoroso das personagens femininas protagonistas em cada obra, sendo elas, *Irecê a Guaná* (1872) e *Inocência* (1874) de Visconde de Taunay.

No romance *Inocência* podemos perceber a presença do amor não concretizado, quando a personagem Inocência não pode se casar com Cirino, pois ela já era prometida a Manecão. A relação de Inocência e Cirino aproxima-se ao amor vivenciado por Romeu e Julieta de Shakespeare, desse modo, Inocência e Cirino podem ser denominados “Romeu e Julieta do sertão”. Enquanto que o conto de *Irecê a Guaná*, segundo Sérgio Medeiros, é a resposta à *Iracema* de José de Alencar. Ao escrever as obras selecionadas, o autor, toma como base a sua própria estória. Relatando sua estória de amor vivenciada com uma índia conhecida como Antônia, isso tudo no decorrer da Guerra do Paraguai.

O presente trabalho é composto por três capítulos e está assim distribuído. No primeiro capítulo, tratar-se-á sobre o universo feminino nas obras de Visconde de Taunay, que fica marcado pela ordem patriarcal e o poder que os homens exerciam sobre a mulher no século XIX.

No segundo capítulo, abordar-se-á o autor e suas obras, e também sobre o regionalismo dentro da obra de Visconde de Taunay no século XIX, irei discorrer sobre a obra de *Inocência* e o conto de *Irecê a Guaná*.

No terceiro capítulo, analisar-se-á um amor real transposto para a ficção, ou seja, o amor vivido pelo próprio autor na Guerra do Paraguai, com uma índia chamada Antônia, por quem se apaixona e mais tarde torna esse romance em ficção.

CÁPITULO I - O UNIVERSO FEMININO NAS OBRAS DE VISCONDE DE TAUNAY

A história da mulher brasileira está marcada pela ordem patriarcal, estabelecendo o silêncio e o aprisionamento doméstico às mulheres da época. O período do século XIX foi marcado pelo patriarcalismo exacerbado, ou seja, este já predominava no Brasil nos séculos anteriores, mas foi neste período que ele ganhou maior destaque.

O preconceito sobre o comportamento feminino atingia as categorias populares, as mulheres que tinham a necessidade de trabalhar acabaram enfrentando inúmeros preconceitos para terem sua profissão. Naquele período, o homem era o único responsável por trazer o sustento de sua família, sendo a mulher restrita ao âmbito doméstico e mal vista caso tentassem exercer o papel dado ao homem.

Conforme podemos constatar na obra crítica de Perrot, 1988:

As relações das mulheres com o poder inscrevem-se principalmente no jogo de palavras. “Poder”, como muitos outros, é um termo polissêmico. No singular, ele tem uma conotação política e designa basicamente a figura central, cardeal do Estado, que comumente se supõe masculina. No plural, ele se estilhaça em fragmentos múltiplos, equivalente a “influências” difusas e periféricas, onde as mulheres têm sua grande parcela (PERROT, 1988, p.167).

Mulher do século XIX era vista como propriedade do homem, ela não tinha direito a algum tipo de posicionamento se quer muito menos ser independente. Naquela época, as mulheres eram tratadas como objetos, atendendo aos gostos masculinos e no fim, ter o poder sobre elas.

Andréa Bühler (2005) afirma o seguinte sobre o papel da mulher oitocentista:

[...] a sociedade patriarcal produziu sua antropologia dualista, seu modelo de homem e de mulher a partir de maneiras de organizar o mundo. Assim, a assimilação dos valores culturais atribuídos ao feminino e ao masculino apresentou-se como uma tabela com duas colunas. Em uma o pensamento, o homem; e na outra, temos o mundo da reprodução, a natureza, o corpo, o passivo, a emoção da mulher. Não se tratam aqui de posições que apenas dividem verticalmente o ser humano nas suas diferentes relações, mas dividem também horizontalmente, estando a parte inferior sob o comando da superior (BÜHLER, 2005, p.85).

Os valores retratados, no fim do século XIX, demonstram que a mulher era educada e instruída para uma vida doméstica, na qual recebia ordens que não podiam jamais ser desobedecidas. Segundo Michelle Perrot (1988): O “trabalho doméstico” não

é “fazer faxina” por dia, mas fazer suas compras, preparar as refeições – cozinhar é um meio de aproveitar matérias-primas baratas e duras, ocupar-se da roupa, cuidar das crianças” (PERROT, 1988, p. 200).

Inocência e Irecê a Guaná figuras femininas criadas por Visconde de Taunay, provém desta sociedade patriarcal. Sendo assim, elas eram mantidas sob o poder patriarcal, sendo submissas ou dominadas. A mulher sertaneja era obrigada a aceitar o casamento que seu pai havia escolhido sem ao menos discordar das decisões tomadas por ele.

Para os pais, o que realmente importava era o compromisso criado entre as famílias, que muitas vezes era cometido por interesse social ou pessoal. Os pais não se importavam com os sentimentos, ou se o casal iria gostar um do outro.

Vamos analisar esse fato, quando o narrador conduz um diálogo entre Cirino e Pereira:

[...] penso que num ponto ele tem alguma razão... é quando ... lhe deu... conselho... que o senhor não casasse sua filha... assim... sem perguntar a ela... se... enfim, não sei... mas talvez o manecão lhe agrade... Ergueu-se pereira de um pulo e, aproximando a face, repentinamente incendiada de cólera, junto ao rosto de Cirino; - o que? Exclamou com voz de trovão. – Eu... consultar minha filha? Pedir-lhe licença... para casá-la... Ou esta mangando comigo? [...] (TAUNAY, 1967, p.131).

Aqui mostra o sentimento de posse do pai em relação à filha, demonstrando que o patriarcalismo exerce grande poder sobre as personagens femininas. Podemos observar também, na fala de Morevi e Alberto:

[...] é muito bonita! Exclamou o moço com sinceridade. O velho abanou a cabeça para confirmar aquele juízo entusiástico e tomou um ar benévolo e filosófico, de homem já alheio à paixão e que deixou à mocidade o direito de sentir aquelas comoções. – você quer Irecê para sua mulher? Perguntou ele com alguma pausa e gravidade. Há de lhe dar comida e roupa. Alberto vacilou, mas Morevi, sem esperar pela resposta, pegou-lhe na destra e, abrindo-a, nela colocou a delicada mão da neta, ao passo que murmurava umas palavras cabalísticas, com os olhos meio cerrados. Irecê não fora consultada e durante a cerimônia perfunctória que a ligava, segundo os costumes de sua gente, àquele homem desconhecido por um laço que não ela, mas só ele, podia romper, mostrou-se completamente indiferente [...] (TAUNAY, 2000, p.31).

Aqui fica nítido o poder que Morevi exercia sobre *Irecê*, a índia nem se quer poderia dizer sim ou não para Alberto, porque o seu avô tinha interesse nos pertences do viajante, não importava o que a índia sentia pelo jovem, o que interessava o avô era a herança.

A sociedade patriarcal recomendava os valores a serem seguidos pelas mulheres, caso elas não seguissem elas seriam, castigadas e até mesmo expulsas do convívio familiar.

Bonicci e Zolin (2004):

A mulher que tentasse usar seu intelecto, ao invés de explorar sua delicadeza, compreensão, submissão, afeição ao lar, inocência e ausência de ambição, estaria violando a ordem natural das coisas, bem como a tradição religiosa [...] a condição de subjugada da mulher deve ser tomada como sendo de vontade divina (ZOLIN in BONICCI, 2004, p.164).

Na linha do autoritarismo, encontrado nos discursos dos homens, podemos ver a força que o narrador usa para expor as vozes masculinas, especialmente quando essa fala está em contato direto com o feminino, e se torna cada vez mais autoritário. Vamos observar esse fato na voz de Pereira com Inocência, no momento em que ela decide enfrentá-lo ao manifestar-se que não concordaria se casar com Manecão:

Pereira quis pôr-se de pé, mas por instantes não pôde. – Está doida!- balbuciu- está doida! E, segurando-se à mesa, ergueu-se terrível. – então, não quer?- perguntou com os queixos a bater de raiva. – não – disse a moça com desespero-, quero antes... Não pôde terminar. O pai agarra-a pela mão, obrigando-a a curvar-se toda. Depois, com violento empurrão, arrojou-a longe, de encontro à parede (TAUNAY, 2013, p.128).

Após esse trecho notamos que a voz masculina e a feminina estão fixadas pelas forças ideológicas sociais, “onde a dominância do homem e a submissão da mulher descrevem uma estrutura de poder que são a base do patriarcado”. (BÜHLER, 2005, p.93).

Diante da história da mulher do século XIX, podemos ver que a educação era de fato, proibida, porque os homens acreditavam que a mulher iria deixar ou sair da submissão. Para a mulher oitocentista foi negado o direito à educação formal, pois, elas eram vistas como indivíduos frágeis, pois, projetavam que as mulheres precisavam do zelo e da inteligência do homem.

Beauvoir (2009) pontua o seguinte:

O mundo sempre pertenceu aos machos (...). já verificamos que quando duas categorias humanas se acham presentes, cada uma delas que impor à outra sua soberania; quando ambas estão em estado de sustentar a reivindicação, cria-se entre elas, seja na hostilidade, seja na amizade, sempre na tensão, uma relação de reciprocidade. Se uma delas é privilegiada, ela domina a outra e

tudo faz para mantê-la na opressão. Compreende-se, pois, que o homem tenha tido vontade de dominar a mulher (BEAUVOIR, 2009, p.99).

Na obra *Inocência*, podemos notar a visão que se tem pela mulher do século XIX. Ao longo do trecho, vamos observar na voz de Pereira, a desconfiança que ele tem sobre as mulheres:

Esta obrigação de casar as mulheres é o diabo!... Se não tomam estado, ficam jururus e fanadinhas...; se casam podem cair nas mãos de algum marido malvado... E depois, as histórias!... Ih, meu Deus, mulheres numa casa, é coisa de meter medo... São redomas de vidro que tudo pode quebrar... Enfim, minha filha, enquanto solteira, honrou o nome de meus pais... O Manecão que se aguenta, quando a tiver por sua... Com gente de saia não há de fiar... Cruz! Botam famílias a perder, enquanto o demo esfrega um olho (TAUNAY, 1967, p.46- 47).

Diante da fala de Pereira, o narrador refere-se à imagem do sertanejo da realização feminina ao redor do homem. O trecho acima fica marcado pela desconfiança “Com gente de saia não há de fiar” no fragmento conduzimos as marcas ideológicas de uma sentença machista: [...] mulher numa casa é coisa de meter medo “... [...] com gente de saia não há de fiar... Cruz! Botam famílias inteiras a perder, enquanto o demo esfrega um olho” (TAUNAY, 1967, p.46-47).

Nas obras de Taunay, notamos que as personagens Inocência e Irecê viviam isoladas em seus meios sociais, tudo isso por causa da total obediência, e isso, gerava infelicidade para ambas. Percebemos que a mulher do século XIX era inferior ao homem, devendo total obediência a eles, era o homem que tomava todas as iniciativas e decisões possíveis, deixando a mulher ser submissa e incapaz sobre tudo.

CÁPITULO II - ABORDAGEM SOBRE TAUNAY E SUA OBRA

Alfredo d' Escrangnolle Taunay (mais conhecido como: Visconde Taunay) nasceu no dia 22 de Fevereiro de 1843, no Rio de Janeiro. Neto de Nicolau, em 1816, o ano que marcou o início da convivência da família Taunay com o Brasil.

O pintor Nicolau Antônio Taunay, integrante do Instituto de França é convocado por D. João VI, e mais alguns artistas, para fundar uma Academia de Belas Artes no Rio de Janeiro.

Veio de uma família de origem francesa. Sua mãe se chamava Gabriela Hermínia de Robert d'Escrangnolle, que era uma baronesa de Taunay e seu pai, Félix Emílio Taunay, que era pintor e professor. Com apenas 15 anos de idade, Taunay formou-se em literatura (bacharelado) e decidiu-se ir para o Rio de Janeiro (Colégio Militar) para estudar Física e Matemática.

Taunay desejava ser médico, mas a própria família gostaria que ele fosse militar. Pois então, em 1859 efetuou sua matrícula na Escola Militar, Matemática e Ciências Físicas, no dia 16 de janeiro de 1861 ele se alistava no exército. Com apenas 20 anos de idade (1863) tinha bacharelado em Matemática e Ciências Físicas. Seguiu carreira de militar e ingressou no curso de engenharia militar, mas teve que ser interrompida para colaborar na guerra do Brasil contra o Paraguai e em outras campanhas.

Taunay foi promovido a cargos intimamente ligados à realeza, mas só foi reconhecido depois que recebeu uma 'missão' escrever o *Diário do Exército* relato oficial dos militares. *Cenas da Vida Brasileira* (1868) seu primeiro livro, surge da experiência na Retirada da Laguna (1867) trata-se da guerra do Paraguai e da retirada dos brasileiros em premissa da derrota.

Após voltar da guerra, publicou o seu primeiro romance, *A mocidade de Trajano* (1870), sob o pseudônimo de Silvio Dinarte. Entretanto, sua principal obra é *Inocência* (1872) que se passa no Mato Grosso em uma população diferente dos quais frequentava na corte.

Conforme o comentário feito pelo o autor, em sua obra *Memórias*, diz o seguinte:

[...] Talvez para sempre! Pode parecer imodéstia de minha parte; mas não sei, nutro a ambição que hão de chegar à posteridade duas obras minhas: *A retirada da Laguna* e *Inocência* [...] A este respeito, tomei um dia a liberdade de dizer ao Imperador mostrando-lhe aqueles dois livros: “Eis as duas asas que me levarão à imortalidade” (TAUNAY, 2004, p.124).

Visconde de Taunay faz parte do cânone literário brasileiro, sua primeira obra a ser republicada foi *Irecê a Guaná* (2000), logo mais *Memórias* (2005), e em 2006, republica *Inocência*.

Segundo Lúcia Sá (2000) “O que levaria o autor à arriscada tentativa de re-escrever, em tão singelo conto, a obra consagrada de Alencar? Talvez uma sugestão esteja nos próprios nomes das heroínas: enquanto *Iracema*, anagrama de América, é nome inventado para dar a impressão de palavra tupi, *Irecê*, como nos explica o autor, é termo indígena mesmo, e significa “estrela em guaná”. Tudo indica, que foi escrito *Irecê*: para substituir a língua e a natureza “inventadas” de Alencar pelas línguas indígenas e a natureza que Taunay se orgulhava de ter conhecido e estudado de perto, quando lutava na Guerra do Paraguai.

Em 1878, Taunay foi nomeado a presidente na região de Santa Catarina e ficou neste cargo apenas um ano. Na política, Taunay teve uma intensa atuação, porém, saiu da política por não se conformar com a queda do partido. Foi estudar na Europa, mas depois de dois anos voltou à ativa (1880), como deputado e novamente presidente da região do Paraná.

Taunay foi um dos primeiros prosadores brasileiros a ceder à linguagem coloquial regional em suas obras. Morreu com 55 anos no Rio de Janeiro no dia 25 de janeiro de 1899, vítima de diabetes e foi um dos principais fundadores da Academia Brasileira de Letras.

Podemos observar, que durante a análise da obra é bem possível que Taunay esteja retratado pelo Alberto Monteiro, Haroldo de Campos (2000) descreve na obra de Taunay “O oficial engenheiro, de pendor turístico, Alberto Monteiro (até certo ponto uma “persona” do jovem Taunay: ALbERTO/ ALfRedO), em missão no interior do país, propõe-se aproveitar o tempo que lhe sobra para conviver com “os amáveis aborígenes matogrossenses” e, assim pilhar “la nature chez ele”.

2.1 O Regionalismo de Taunay no século XIX

No Brasil, o Romantismo fica conhecido devido à presença dos traços regionalistas, como a terra e o povo. Segundo Candido (2004), o regionalismo realça os traços pitorescos e folcloristas. Nas obras do escritor Visconde de Taunay, notam-se as descrições das paisagens, as tradições e costumes do sertanejo e do povo do interior do

Brasil. Na obra *Inocência*, Taunay deixa explícito todos os traços românticos, descrevendo os lugares e os personagens e seus atributos regionalistas.

O Brasil estava passando pelo período de modernização, foi quase impossível dar continuidade aos trabalhos literários procedentes. Este trabalho era fundamentado na ilustração romântica e idealização do homem do campo. De acordo com Candido (2004) foi a partir dessa restrição que se manifesta as gerações românticas.

Candido diz:

O movimento de reivindicação e a onda surda da tomada de consciência de uma classe ecoaram de certo modo no domínio estético, e a massa começou a ser tomada como fator de arte, os escritores procurando opor à literatura e à mentalidade litorâneas a verdade, a poesia, o sentido humano da massa rural e proletária, [...] Dentro da sua linha própria de desenvolvimento interno, o romance correu paralelo, interagindo com a evolução social, recebendo as repercussões (CANDIDO, 2004, p.42).

O Romantismo teve fundação na Europa no final do século XVIII, logo depois ficou conhecido pelo mundo todo, estendendo-se por todo o século XIX. Essa movimentação recebe mais força na França, os artistas franceses que transportaram os princípios românticos pela Europa e América toda. A estética romântica, em divergência aos modelos inflexíveis do classicismo, conduz à valorização das emoções, ao amor ideal, a liberdade de se expressar e o subjetivismo.

Em meados do século XIX, no Brasil estava ocorrendo muitas transformações, então foi justamente neste tempo que a família real portuguesa chega ao Brasil. Em 1822, sucedia a Proclamação da Independência e também, a revogação da escravidão, e através disso foi criada a República em 1889. O período trouxe muitas mudanças para a literatura, como o surgimento do romance.

Na época em que Taunay inspirava-se para escrever *Inocência*, o Brasil estava vivenciando todas essas mudanças citadas anteriormente. Dessa maneira, o romance *Inocência*, é criado no meio dessas transformações, políticas, resultando na passagem no meio do Romantismo e o Naturalismo/ Realismo.

Taunay inspira-se naquela população, deixando transparecer na sua obra, os valores da época, e ainda autor revela o poder que o homem exercia sob a mulher, deixando à vista a imagem de uma mulher submissa e frágil na personagem de seu romance *Inocência*. Descreve na obra o hábito hospitaleiro das pessoas do interior, diante do personagem Pereira. A obra está cheia de traços que encaminha a época do

Romantismo do século XIX. A obra também deixa à mostra traços do naturalismo/realista.

O Naturalismo e Realismo apresentam-se como períodos literários ajuizados pelo sentido regionalista. O regionalismo procura cumprir a transição daquela devida época, descrevendo a vida simples do povo sertanejo, suas crenças e costumes. A descrição que Coutinho (1986) faz sobre o Romantismo regionalista:

Toda obra de arte é regional quando tem por pano de fundo alguma região em particular ou parece germinar intimamente desse fundo [...]. Mas estreitamente, para ser regional, uma obra de arte não somente tem que ser localizada numa região, senão também deve retirar sua substância real desse local (COUTINHO, 1986, p.235).

Coutinho (1986, p.250) realça o raciocínio regionalista dizendo que “nasceu, sem dúvida, sob o signo do Romantismo para, depois misturar-se as receitas naturalistas e realistas, sob a influência de Zola e Eça de Queiroz”. Nota-se que o Romantismo luta para melhorar os elementos locais, entretanto o melhoramento pretende desaparecer com os traços realistas.

Candido (1997) enfatiza que a primeira fase que diz respeito ao regionalismo literário brasileiro está voltada ao Romantismo. Alguns autores que participam dessa fase, segundo Candido:

Os românticos – Bernardo, Alencar, Taunay, Távora- tornaram a região como quadro natural e social em que se passavam atos e sentimentos sobre os quais incidia a atenção do ficcionista. É notório que livros *O Sertanejo*, *O Garimpeiro*, *Inocência*, *Lourenço*, são construídos em torno de um problema humano, individual ou social, e que, a despeito de todo o pitoresco, os personagens existem independentemente das peculiaridades regionais (CANDIDO, 1997, p. 192).

Prosseguindo a linha de raciocínio, Bosi (2006), acrescenta que:

[...] Taunay idealiza, mas parcialmente, porque seu interesse real é de ordem pictórica: a cor da paisagem, os costumes, os modismos que ele observa e flui como típico. Viajante mais sensual do que apaixonado, incapaz do empenho emotivo de um Alencar, a sua realidade é por isso mesmo mais tangível e mediana. Há quem veja nele um escritor de transição para o realismo. Não é bem assim. Quando maduro, criticou o naturalismo. E a postura fundamentalmente egótica, reflexa nos romances mundanos que se seguiram a *Inocência*, nos diz que se algo mudou foi a sociedade, não o estofo individualista do escritor. Mas nada mais fez que se comparasse sequer à realização de *Inocência* [...] (BOSI, 2006, p.145).

Inocência, é apontada como um romance regionalista, dessa maneira engrandece os costumes do povo rural. Podemos observar certas características que ficam à mostra no livro, como: hospedagem promovida aos viajantes, dignidade da família, casamento combinado, analfabetismo, a reação vingativa, a crença e o papel da mulher oitocentista. A inspiração do autor sem nenhuma cisma está baseada no objeto empírico, tudo porque o autor retira do sertão do Mato Grosso acontecimentos, valores e personagens, retratando-os em suas obras.

No livro, *Reminiscências* (1908), Taunay descreve como fez para produzir seus personagens, os ambientes, e o que utilizou para gerar o romance *Inocência*. Ele diz o seguinte:

No dia 30 de junho estávamos no vasto do Sr. José Pereira, bom ministro nos acolheu atentamente e era o primeiro morador que encontrávamos a saída do sertão bruto de Camapuã e a entrada de Santana do Parnaíba, um pouco mais habitado. [...] Aí vi um anãozinho mudo, mas tanto gracioso, sobretudo ágil nos movimentos, que me serviu de tipo ai Tico do meu romance *Inocência*. Passou-nos numa canoa com muito jeito, buscando conversar e tornar-se amável por meio de frenética e engraçada gesticulação. Dei-lhe uma molhadurazinha e pôr-se a pula como um cabrito satisfeito da vida, fazendo-nos muitos acenos de agradecimentos e adeuses com o chapéu de palha furado, que não esqueci de indicar naquele livro (TAUNAY, 1908, p.15) .

Candido (2006), afirma que o regionalismo mostrou a obrigação de formar a identidade nacional, e também para influenciar o Naturalismo, nas obras de Franklin Távora e Visconde de Taunay. O regionalismo enfatiza os valores tradicionais, e também reforça a descrição das paisagens regionais.

Perante o regionalismo, romântico e realista, Alfredo Bosi ressalta: “[...] nada há que supere *Inocência* em simplicidade e bom gosto, méritos que o público logo lhe reconheceu, esgotando sucessivamente mais de trinta edições sem falar nas que, já no século passado, se fizeram em quase todas as línguas cultas” (BOSI, 2006, p. 145).

No século XIX, o foco do regionalismo era retratar as diferenças entre o realismo e o romance, os costumes regionais, a linguagem usada na região. Então, foi através disso que o regionalismo na literatura brasileira teve vida longa. Podemos analisar como o autor descreve a pureza dos valores e os costumes grotescos e naturais do povo rural.

2.2 Sobre a obra *Inocência*

A partir de 1860, o Romantismo brasileiro, na prosa, retrata as transformações econômicas, políticas e sociais e privilegia uma literatura mais próxima da realidade. Já a poesia passa a cogitar grandes agitações, ideal de República, como a Guerra do Paraguai e a luta abolicionista.

Na segunda metade do século XIX, a comunidade brasileira sofreu grandes mudanças no campo político, conseqüentemente de entender e ver a nova realidade que estavam vivendo. Neste período, o regime republicano federalista entrou no lugar da monarquia.

Um ano antes de ser publicada *Inocência* – 1871, foi aprovada a lei do Ventre Livre, esta lei dava a liberdade aos filhos de escravos (que nascessem no Império). Importante lembrar que, o movimento da abolição foi tomado de corpo e força. Mas no ano de 1888, a princesa Isabel, finalmente assumiu o lugar de Dom Pedro II, quando assinou a Lei Áurea, que emanciparia todos da escravidão.

O livro *Inocência* de Visconde Taunay foi considerado um dos melhores romances regionalistas escritos no Brasil. Taunay inspirou-se nas terras do Mato Grosso, ele escreveu a obra *Inocência* em 1872, observou a natureza e a vida do povo sertanejo. Então, os moradores daquele lugar deixaram nítidos seus costumes, crenças e tradições. O autor foi um regionalista observador que, através de seu senso crítico pode relacionar as paisagens e a história do Brasil. Entretanto, sua obra é marcada pela linguagem coloquial regional.

Taunay mereceu destaque entre os romancistas que se dedicaram a retratar o sertanejo, isso porque os outros autores não detinham o conhecimento e nem tanta experiência em viagens pelo interior do Brasil. Já o escritor, um naturalista, que detinha o conhecimento sobre a flora e fauna brasileira. Conforme podemos observar no trecho a seguir, na obra ficam expostos alguns traços durante a época em que o autor em sua obra *Inocência* inspirava-se nas terras do Mato Grosso:

Ora é a perspectiva dos cerrados, não desses cerrados de arbustos raquíticos, enfezados e retorcidos de São Paulo e Minas Gerais, mas de garbosas e elevadas árvores que, se bem não tomem, todas, o corpo de que são capazes à beira das águas correntes ou regadas pela linfa dos córregos, contudo assombram com folhuda rama o terreno que lhes fica em derredor e mostram

na casca lisa a força da seiva que as alimenta; ora são campos a perder de vista, cobertos de macega alta e alourada, ou de viridente e mimosa grama, toda salpicada de silvestres flores; ora sucessões de luxuriantes capões, tão regulares e simétricos em sua disposição que surpreendem e embelezam os olhos; ora, enfim, charnecas meio apauladas, meio secas, onde nasce o altivo buriti e o gravatá entrança o seu tapume espinhoso (TAUNAY, 2013, p.16).

Podemos afirmar que foram através desses principais quesitos que Taunay buscou inspiração para escrever a obra.

De acordo com Moisés (2007, p.218), “apesar de haver sido publicada três anos antes d’*A Escrava Isaura*, *Inocência* atesta um compromisso com estética romântica ao mesmo tempo em que respira novas brisas anunciadoras ao realismo”. Pode-se dizer que a estética romântica permanece especialmente do amor desenvolvido e não correspondido vivenciado pelos personagens principais do romance. Taunay compôs uma história que expôs o idílio amoroso e os costumes do Sertão do Mato Grosso, mantendo-se equilibrado nos traços naturalista/realista. A criação do autor está ligada ao regionalismo, isto no século XIX, pode-se afirmar que, enriquece nosso patrimônio literário. Pois, diferente de outros autores, Visconde de Taunay quis evitar usar de forma exagerada o sentimentalismo, pois, ele queria mostrar a realidade e a cultura do povo sertanejo.

Então, através da obra *Inocência*, o autor procurou representar as descrições do século XIX, mostrando a história de amor em conflito pelos protagonistas de classes e culturas distintas, e essa história fica marcada pelo sofrimento.

O romance vai tratar de um amor adentrado no Sertão do Brasil no século XIX, como mencionado antes, marcado pelo poder patriarcalista, aos quais os costumes dificultam a relação deste amor. O romantismo e realismo defrontam como típica parte da composição do romance, pois, através de traços reais regionais, o autor revela as relações sociais e de gêneros desiguais que absorve o impedimento de tornar este amor real.

A história teve início no dia 15 de Julho de 1860 e se passa no Sertão de Mato Grosso, em um trajeto que corta o território desde a Vila Santana do Paraíba aos campos de Camapuã (entre São Paulo, Minas Gerais, Goiás, e Mato Grosso do Sul até o Rio Sucuriú- Paraná). Enfatizando que ,inicialmente, este romance foi publicado em forma de folhetins e seus capítulos eram separados dos jornais diários. Pode-se dizer que este romance ficou conhecido como o amor irreal entre Cirino e Inocência, o “Romeu e Julieta sertanejo”. *Inocência* pertence à escola literária do Romantismo conhecido como

regionalismo romântico, definido desse modo por retratar os costumes, paisagens e comportamentos típicos das regiões do interior do Brasil.

Podemos perceber os aspectos do Romantismo nos temas empenhados pelo autor: a grande fantasia do amor e seu final trágico.

O Dualismo está presente no enredo e na linguagem. Mostra-se também, a diversidade do mundo rural, vivenciado por Pereira, para ele a mulher era vista como um objeto e ela deveria ser submissa ao patriarcalismo. Já o mundo urbano, é a representação da imagem de Meyer.

O romance ocorre em 1860, no Sertão de Santana do Paraíba. Martinho dos Santos Pereira (Pereira) reside numa fazenda com *Inocência*, sua filha de apenas 18 anos. Pereira é um pai dogmático, exige da moça respeito. Pois então, ele decide que a filha irá se casar com um homem rude, que se chama Manecão Doca, de índole violenta. Inocência, então, adoece e seu pai encontra um rapaz que andava pelo Sertão e se dizia médico.

O médico chamava-se Cirino, que iniciou farmácia em Ouro Preto e formou-se no colégio do Caraça. Cirino curou Inocência e logo se apaixonou pela moça. Pereira tomou a iniciativa de convidar Cirino para ficar hospedado em sua casa, enquanto isso arranjaria pacientes para ele, chega mais um hospede trazendo uma carta do irmão de Pereira.

Meyer, naturalista Alemão que decidiu ir para o Brasil para descobrir novas espécies de insetos e caçar borboletas, mesmo recebendo o rapaz em sua casa, Pereira não entendeu os elogios que aquele recém-chegado fez a sua filha, e desde então ficou com a pulga atrás das orelhas.

Tico é um anão mudo, que fica responsável de cuidar de *Inocência* 24 horas. Pereira pede que Cirino fique em sua casa até Dr. Meyer ir embora, Cirino se declara para Inocência, e a moça corresponde. Eles passam a se encontrar no laranjal, um lugar secreto. Cirino e Inocência acreditavam que naquele esconderijo estariam seguros, mal sabiam que Tico estaria por todo lugar e a todo tempo espionando a moça. Cirino pensa numa suposta fuga que poderia viver esse amor, mas a moça recusa-se por medo de seu pai e fala para seu amado ir procurar seu padrinho (Antônio Cesário) para ajudá-los.

Pereira não desconfiava sobre o envolvimento de Cirino e sua filha. Ele desconfiava de Meyer. Então, Meyer realiza sua pesquisa e volta para Alemanha. Pereira retira as suspeitas em relação à Meyer.

Durante este acontecimento, Cirino estava viajando para encontrar o padrinho de sua amada, Inocência renuncia se casar com Manecão, então, apanha de seu pai. Seu pai não compreende a atitude da filha, Tico mostrou através de mímicas, que sua filha se encontrava as escondidas com Cirino, enquanto desconfiava do pobre Meyer. Aproveita o momento e revela que Cirino é um falso médico.

Manecão, furioso sai à procura de Cirino, e o encontra na estrada, então o mata. Depois a pobre Inocência morre de tristeza porque é obrigada a se casar com Manecão. E por fim, Meyer é homenageado na Alemanha pela a sua grande descoberta de uma borboleta tão linda, então decide nomear aquela espécie de borboleta Inocência.

Este romance possui uma divisão bem nítida quanto à linguagem: quando o narrador usa uma linguagem culta a todo tempo e narra em terceira pessoa; já quando a voz é dos personagens, há a representação da linguagem coloquial, popular e regionalista.

Há duas datas citadas durante a história: 15 de julho de 1860 e 18 de agosto de 1863, as datas citadas servem para nos mostrar quando a narrativa se passou, e enfatiza que a história inicia-se lentamente. É narrada sem pressa e os acontecimentos se dão ao acaso. Veremos a seguir na descrição do autor (TAUNAY, 2013, p.60) “Tenho vontade de amanhã seguir viagem - Quê, doutor? Protestou Pereira. Partir já?”.

Ao decorrer do enredo, os acontecimentos deixam de acontecer repentinamente, passando a haver uma sequência do tempo, ou seja, um desencadeamento da ação. “Passaram-se segundos, minutos e horas. Afinal soltou ele um suspiro de alívio: - Meio-dia! ... cuidei que nunca havia de chegar!”... (TAUNAY, 2013, p.72).

O narrador também faz uso de flashes, ou seja, cortes no tempo, servindo para alternar o episódio da história, através desse artifício, ele apresentou ao leitor referências temporal que este não tinha consciência.

A história se passa no Sertão de Mato Grosso em uma estrada que corta a região desde a Vila Santana do Paraíba aos Campos de Camapuã (limites entre São Paulo, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul).

No livro há uma caracterização romântica descrevendo o espaço, como se fosse um lugar único.

É cair, porém, daí a dias capiosa chuva, e parece que uma varinha de fada andou por aqueles sombrios recantos a traçar às pressas jardins encantados e nunca vistos. Entra tudo num trabalho íntimo de espantosa atividade. Transborda a vida. Não há ponto em que não brote o capim, em que não desabrochem rebentões com o olhar sôfrego de quem espreita azada ocasião

para buscar a liberdade, despedaçando as prisões de penosa clausura (TAUNAY, 2013, p.13).

O autor é um narrador onisciente, que era a grande tendência do século XIX. Tudo é exposto a partir de um próprio ponto de vista com onisciência e onipresença. A partir do ponto de vista ele focaliza os valores sociais e os costumes. Veremos a seguir na descrição de (TAUNAY, 2013, p.11): “Vê tudo aquilo o sertanejo com olhar carregado de sono. Caem-lhe pesadas as pálpebras; bem se lembra de que por ali podem rastejar venenosas alimárias, mas é fatalista; confia no destino e, sem mais preocupação, adormece com serenidade”.

O final do romance é trágico, a partir de uma discussão na estrada Cirino discute com Manecão e leva um tiro e morre: “E de supetão tirando uma garrucha da cintura, desfechou-a à queima roupa em Cirino. Varou a bala o corpo do infeliz e o faz baquear por terra” (TAUNAY, 2013, p. 133).

Inocência é uma jovem de apenas 18 anos, é uma moça bela, meiga, simples e humilde, é uma moça do Sertão, mas seus traços são de moça da cidade, cabelos pretos e longos, olhos matadores, boca pequena, enfim, dona de uma beleza incomparável.

Cirino é um moço bom caráter, tinha um pequeno conhecimento sobre a medicina, herdando essa facilidade de lidar com ervas medicinais com seu pai dizia ser médico, entretanto, não tinha licença para medicar.

Manecão é o noivo destinado de Inocência, um vaqueiro bruto do Sertão, considerado um homem rude, machista, proletário e decente. Ele tirava a vida se fosse preciso, para preservar sua honra.

Martinho dos Santos Pereira tinha mais ou menos seus 45 anos, era um homem honesto, era rígido e se resguardava. Já Tico, era um anão mudo, era um vigia que passava a atender as ordens de Pereira, para espionar Inocência e Cirino.

Antônio Cesário era o padrinho da linda Inocência. Ele apoiava o romance da afilhada com Cirino.

Então, Chiquinho irmão mais velho de Pereira, que está distante do Sertão escolheu Meyer para entregar uma carta para seu irmão. Meyer era um homem que se dedicava muito a sua profissão e vivia viajando o mundo a fora. Maria Conga é uma senhora idosa, uma escrava de Pereira, que cuidava dos afazeres de casa. E sempre estava com um pano branco sobre a cabeça.

Major Martinho de Melo Taques ele era um Juiz de paz, mas exerce como Juiz Municipal. Teve uma participação na Guerra dos Farrapos no Rio Grande do Sul, era um comerciante e adorava conversar. Guilherme Tembel Meyer, era um rapaz de boa índole, era inteligente e se expressava de uma maneira simples. Tinha uma grande admiração pela natureza e pela grande beleza de Inocência. José Pinho mais conhecido como Juque, ele era assessor de Meyer, era um homem de confiança, porém, era considerado um intrometido nas conversas alheias.

A linguagem usada pelo narrador é uma linguagem culta, mas os seus personagens uma linguagem coloquial, ou seja, a linguagem popular usada pelos personagens ao longo do romance. Observa-se na fala de Pereira:

(...) chegou-se o pai à cama e, com todo o carinho, chamou: Nocência, Nocência! (TAUNAY, 2013, p. 44)

2.3 sobre a obra *Irecê a Guaná*

Um longo conto publicado em 1874 nas *Histórias Brasileiras*, com o pseudônimo de Silvio Dinarte. Embora a data de edição seja de 2000. A obra dialoga com a lenda de Alencar. O conto diz respeito ao encontro de duas raças, a índia e a branca, diz respeito a uma paixão silvestre que termina na morte de uma índia abandonada.

Candido enfatiza o seguinte sobre o conto:

[...] um belo conto, o melhor de quantos [Taunay] escreveu [...] O conto relata, com um mínimo de fantasia, a paixão silvestre que termina com a morte da índia abandonada pelo amante. Em todo ele perpassa uma ternura e encantamento que o tornam dos bons trechos de nossa prosa romântica. Nem lhe falta a situação descrita por Chateaubriand em *René* e nos *Natchez*, retomada com o mais alto impulso lírico por Alencar, em *Iracema*, e que simboliza um aspecto importante da literatura americana: o contato espiritual e afetivo do europeu com o primitivo (Candido, 1997. p. 280).

O conto *Irecê* surgiu após a parada do tenente Taunay nos sertões do Centro-Oeste, no momento em que ele era secretário da comissão dos engenheiros, então, ele acompanhou de perto a tentativa de invadir o Paraguai a partir do rio *Alpha*, através da Guerra do Tríplice Aliança (1864- 1870).

Quando o autor começou a colher materiais para a reedição de *Irecê a Guaná*, ele teve um encontro favorável com Haroldo de Campos e recebeu todo o apoio para seguir a diante com este trabalho. *Irecê a Guaná* é uma obra anulada da história da Literatura Brasileira que agora volta numa edição tomando colaborações de Antonio Candido, Haroldo de Campos e Lúcia Sá.

Taunay se arriscou na tentativa de reescrever o conto, tudo indica que *Irecê* foi reescrita para trocar a língua e a natureza “inventadas” por Alencar pelas línguas indígenas e a natureza que Taunay se vangloriava de ter tido contato de perto quando o participava da Guerra do Paraguai.

Para ter posse sobre a indiazinha *chané*, comprou o pai por um “saco de feijão”, outro de milho, dois alqueires de arroz, uma vaca para o corte e um boi de montaria. A índia foi comprada por um colar de ouro, que havia custado 120 mil réis.

Morevi não se preocupa com *Irecê* quando ela adocece, e nem mesmo quando Alberto Monteiro está prestes a deixar sua neta, o avô se interessa pelos bens que irá herdar do que com a saúde de sua própria neta.

Para Alberto Monteiro, ao deixar *Irecê*, significa que ele reconheceu que existia uma barreira insuperável entre o civilizado, esse recém-chegado na Corte, e o habitante da mata, o indígena.

Em *Memórias*, obra escrita já no fim da vida de Taunay e publicada posterior a sua morte, o autor diz ter amado uma índia chamada Antônia, que foi sua amante durante a Guerra. A personagem *Irecê*, associa-se aos traços da mulher que Taunay descreve elegante e graciosa, mas já o herói do conto, o turista irônico e desdenhoso.

A história toma rumo a partir de 1861 na capital de Mato Grosso, o vaporzinho *Alpha* desceu para Corumbá, recebendo ordem do presidente, o coronel Antônio Pedro de Alencastro, pediu a foz do Rio Mondego ou Miranda, foi cortando águas para conhecer a estação seca até a Vila de Miranda.

Voltando, no entanto, ao que dizíamos no começo, o aparecimento de um vapor causava imenso contentamento ao seio da população de Miranda pelas conseqüências que necessariamente havia de produzir aquela viagem de ensaio, prova cabal de que o rio, ainda na vazante, se prestava à franca navegação muito além da boca do seu confluente o Aquidauana, até onde haviam subido os presidentes Delamare e Alencastro, este último em 1860 no *Jauru*, que é de calado não pequeno (TAUNAY, 2000, p.17).

Então o navio chegou, e iria descer no porto dois engenheiros entre a população da Vila de Miranda, para ir a Nioaque e Apa para verificarem a fronteira a qual tinha

sido devastada pelos paraguaios. Um desses engenheiros era Alberto Monteiro que é um homem novo, era muito rico para satisfazer seus desejos, então, ele viaja para se distrair, chegando à Vila de Miranda, ele é hospedado por recomendação na casa de Júlio Freitas, no início os dois não conversavam muito, mas logo mais tarde pareciam amigos de longas datas. Júlio Freitas iria fazer um passeio, a Miranda e Nioaque, Alberto logo se ofereceu para ir junto. Então eles partem, levando junto três soldados do corpo da cavalaria de Mato Grosso. A ação das febres, devido às enchentes e transbordamentos dos rios, atacava não só os recém-chegados e turistas, às vezes atacavam os antigos moradores. Alberto, no segundo dia de viagem começou a sentir-se mal tendo febre alta, tudo isso devido ao clima de Miranda. Júlio, preocupado, diz para o amigo voltar, mas ele se nega. Próximo dali havia uma aldeia de *quiniquinaus*, Júlio muito preocupado com estado de Alberto, aconselhou ele a voltar, então ele concorda a voltar. Mas no dia seguinte, Florindo disse para Alberto que não havia necessidade dele voltar que ali tinha uma aldeia e iria levá-lo para curá-lo. Chegando à aldeia, Alberto fica encantado com tanta beleza. Eles foram ao encontro de Morevi, conhecido como um ancião daquela aldeia. Morevi um *mandingueiro* recebe os dois muito bem, e, no entanto, oferecendo uma de suas choupanas. Irecê se aproxima, e podemos ver como o autor descreve suas características físicas e psicológicas, observe no trecho abaixo:

Trazia todo o corpo embrulhado num pano alvíssimo, a que chamam *julata* e que, preso por volta muito apertada logo abaixo dos seios, desce até os calcanhares, e mostrava ter quando muito quinze anos, idade de plenitude de mocidade e beleza naquelas localidades em que o desenvolvimento da puberdade, já de per si precoce, é quase sempre apressado. Seu rosto de formosura singular houvera em qualquer parte do mundo prendido as vistas. Se a fronte era estreita, os olhos um tanto oblíquos e as sobrancelhas pouco arqueadas, em compensação os cílios compridos e bastos faziam realçar o brilho dos negros íris; o nariz tinha uma retidão caucásica; os lábios pareciam tintos de carmim e a cabeleira negrejante, bem que áspera, espargia-se por um colo e seios admiráveis de contorno e pureza. Para completar o tipo de uma bela moça nem se quer lhe faltavam pés e mãos de uma pequenez e delicadeza dignas de cuidadosa atenção (TAUNAY, 2000, p. 30).

Alberto ao ver Irecê fica encantado com tanta beleza e Morevi não perdeu tempo e já ofereceu a neta para ser sua mulher, mas para isso, ele deveria dar comida e roupa para a neta e ele então, ficou sem saber o que responder, Morevi pegou a mão da neta, e começou a murmurar umas palavras abençoando os dois. O tempo que Alberto permaneceu na aldeia ele aprendeu muito, aprendeu a falar a língua *chané* com o velho

Morevi e ao passar do tempo, foi tentando transformar Ierecê numa moça da corte. O comportamento da índia de início era estranho, ela nenhum momento conversava com Alberto, apenas atendia ao pedido dele: “A princípio Ierecê considerava Alberto como um ente de natureza superior, a quem devia obediência cega, enquanto lhe servisse de mero passatempo” (...) (TAUNAY, 2000, p.34).

Com o passar do tempo ela foi sentindo admiração por Alberto, ele demonstrava cuidados sobre ela, sempre tentando agradá-la, então o pensamento que ela tinha em relação a ele começou a mudar, então começou a falar algumas palavras em *chané* e quando Alberto se dava conta, ela já havia misturado às duas línguas, *chané* e português, mas para ele não havia problema, pois, tinha conhecimento das duas línguas.

Os dias se passavam depressa, e Alberto se entristecia ao lembrar que logo havia de partir.

Os dias correram rápidos, e, bem que Alberto começasse a achar a vida que levava um tanto quanto monótona, não podia eximir-se da satisfação suave que em todos produz a extrema quietação. Entretanto, ao observar os progressos da paixão que acendera no peito da indígena, sem querer entristecia-se e procurava arredar da lembrança a necessidade de em breve dar fim àquela ligação passageira (TAUNAY, 2000, p. 37).

Alberto conversa com Florindo, e fala que havia dois meses que ele estava naquela aldeia, ele ficou espantado, pois o tempo voou Alberto pede para Florindo ir até ao encontro de Júlio para que ele pudesse vir até a aldeia ou caso contrário ele iria até Julio, Ierecê já fica abatida ao saber, ela não sabia o motivo só sentia um aperto no peito. Antes mesmo de Florindo partir, ele foi surpreendido por Júlio a cavalo. Vai em direção onde Alberto estava trazendo consigo uma carta da corte a Alberto, e nesta carta estava dizendo que os negócios de Alberto na corte estavam de mal a pior, e sua partida se tornaria inevitável, diz aos companheiros que estava sentindo pena por deixar Ierecê, Alberto não tinha partido, mas dava para notar o quanto expressava tristeza ao seu rosto.

Chegando a Miranda, três dias haviam se passado e Alberto estava à espera da manhã seguinte para embarcar no barco a vapor, mas ele foi surpreendido à tarde com o aparecimento de Morevi e Ierecê qual demonstravam fraqueza e cansaço:

Era Morevi e Ierecê, cobertos de pó. Arfando de cansaço e de fraqueza. Correr ao encontro da infeliz rapariga, abraçá-la e levá-la para o interior da casa em que se achava foi o que fez Alberto com a maior espontaneidade, sem hesitação nem vexame, apesar de haver espectadores que pudessem censurar. O velho, banhado de suor, aniquilado, deixara-se cair pesadamente no chão ao pé da porta (...) (TAUNAY, 2000, p.51).

Antes de partir, Alberto pede conselho para Faustino, e o amigo diz que seria melhor deixar o sertão e não se prender ali por causa da índia. Pois então, o jovem decide partir no dia seguinte. Passou-se cinco meses da sua chegada ao Rio de Janeiro, então, João Faustino resolve mandar uma carta para o amigo:

Meu amigo, dizia ele, as minhas previsões foram infelizmente errôneas. Irecê, a bela virgem do Agaxi, já não existe. Pouco tempos depois dela sair daqui, tive necessidade de chegar ao Lauiad e como o desvio da estrada era insignificante, fiz uma visita ao vale Hetagati. Nem de propósito. Vinha eu assistir á morte daquela bela criatura. Quando assomei á porta do seu rancho, ela deu um grito de júbilo e, reconhecendo-me logo, fez gesto de querer levantar-se da rede em que estava deitada. Sua fraqueza era extrema. Fiquei tanto mais surpreendido, quando ela se mostrara, á saída da vila, tranquila e resignada. – *Unái* volta? - Perguntou-me ela com ansiedade que me cortava o coração. Julguei de caridade mentir. – Ele me mandou dizer que já tinha partido do Rio de Janeiro.- Um sorriso melancólico entreabriu-lhe os esbranquiçados lábios, e os seus olhos empanados ainda puderam fulgir. Depois não disse mais palavra (...) (TAYNAY, 2000, p.53).

O conto toma início em 1891, antes da Guerra do Paraguai, iniciando-se na Vila de Miranda, Mato Grosso, mas a maioria das partes dos fatos acontece na aldeia de *quiniquinaus* e tem o fim no Rio de Janeiro quando Alberto recebe a carta de Faustino.

Identificamos que ao narrar o conto, o autor é observador, ou seja, se limita a narrar os fatos à medida que eles acontecem, não é concedida ao autor nenhuma atitude que por ventura possa nos adiantar o que ocorrerá.

Chamava-se Alberto Monteiro e viajava por mera distração. Homem no pleno vigor dos anos, e bastante rico para satisfazer os seus caprichos, empreendera extensas viagens por simples distração e pelo prazer do movimento, percorrendo países uns após outros como *turista*...(TAUNAY, 2000, p. 20).

O trecho marcado pela tensão no conto ocorre quando Irecê e seu avô aparecem na Vila de Miranda atrás de Alberto, cansados, onde o velho Morevi trazia sua neta carregada extremamente fraca, veremos na descrição a seguir:

Era Morevi e Irecê, cobertos de pó. Arfando de cansaço e de fraqueza. Correr ao encontro da infeliz rapariga, abraça-la e leva-la para o interior da casa em que se achava foi o que fez Alberto com a maior espontaneidade, sem hesitação nem vexame, apesar de haver espectadores que pudessem censurar. O velho, banhado de suor, aniquilado, deixara-se cair pesadamente no chão ao pé da porta (...) (TAUNAY, p.51).

Alberto Monteiro era um jovem muito rico, e queria mesmo satisfazer seus desejos. Já Irecê a Guaná, é uma jovem índia da aldeia de *quiniquinaus*, neta de

Morevi o ancião da aldeia. Júlio Freitas é morador da vila de Miranda, que abriga Alberto em sua vila. Florindo soldado que acompanha Júlio e Alberto na viagem que fizeram a Nioaque.

CAPÍTULO III - UM AMOR REAL TRANSPOSTO PARA A FICÇÃO

Durante a Guerra do Paraguai, Visconde de Taunay foi convocado para combater a invasão de terras na região Centro Oeste, dizendo que vivenciou inesquecíveis experiências no sertão. Mas, esta inesquecível experiência não se deu pelo encontro com os soldados paraguaios e sim, com a bela índia *guaná*, chamada Antônia.

Quando Taunay se deparou com a belíssima índia Antônia, este logo queria tê-la, pois, cedendo ao pai da índia um saco de feijão, milho, dois alqueires de arroz, uma vaca para o corte e um boi de montaria. Podemos analisar a descrição a seguir no livro *Memórias*:

Antônia era “uma bela rapariga da tribo *chooronó* (guaná propriamente dita) e da nação chané”. “A encantadora índia seduziu imediatamente o militar, que decidiu “raptá-la”, ou melhor, “comprá-la”, entregando a seu pai um saco de feijão, outro de milho, dois alqueires de arroz, uma vaca para o corte e um boi de montaria”... “A bela Antônia apegou-se logo a mim e ainda eu mais a ela me apeguei”, confessou o memorialista, concluindo: “Pensando por vezes e sempre com sinceras saudades daquela época, quer parecer-me que essa ingênua índia foi das mulheres a quem mais amei (TAUNAY, 2004, p. 14).

Ao descrever Antônia, o autor aproxima-se a imagem de *Irecê*, analisaremos a seguir:

(...) cutis oval, tez mais morena demais do que acaboclada, corada até levemente nas faces. Semelhante, também é a reação das duas jovens quando recebem do protagonista/autor o colar de contas de ouro; e a passagem de certa indiferença inicial a um interesse cada vez maior pelo português (TAUNAY, 2000, p.140).

Taunay afirma ainda que, Antônia deixou lembranças inabaláveis e que nenhuma mulher seria capaz de destruir ou desmoralizar aquelas lembranças. Vamos observar diante de o trecho a seguir:

(...) Pobrezinha da Antônia! Em mim deixou indestrutível lembrança de frescor, graça e elegância, sentimento que jamais as filhas da civilização, com todo o realce do luxo e da arte, poderão destruir nem desprestigar!... (TAUNAY, 2004, p. 15).

3.1 semelhanças e diferenças entre Inocência e Ierecê a Guaná

O autor, Visconde de Taunay faz uma descrição de como era a bela Inocência, analisaremos a seguir:

Do seu rosto irradia singela expressão de encantadora ingenuidade, realçada pela meiguice do olhar sereno que, a custo, parecia coar por entre os cílios sedosos a franjar-lhe as pálpebras, e compridos a ponto de projetarem sombras nas mimosas faces. Era o nariz fino, um bocadinho arqueado; a boca pequena, e o queixo admiravelmente torneado. (...) Inocência obedeceu e descobriu uma espessa cabeleira, negra como o âmago da cabiúna e quem em liberdade devia cair abaixo da cintura. Estava enrolado em bastas tranças, que davam duas voltas inteiras ao redor do cocoruto (TAUNAY, 2013, p.34-35).

Agora iremos observar a fisionomia da índia *guaná* :

Trazia todo o corpo embrulhado num pano alvíssimo, a que chamam *julata* e que, preso por volta muito apertado logo abaixo dos seios, desce até os calcanhares, e mostrava ter quando muito quinze anos, idade da plenitude de mocidade e beleza naquelas localidades em que o desenvolvimento da puberdade, já de per si precoce, é quase sempre apressado. Seu rosto de formosura singular houvera em qualquer parte do mundo prendido as vistas. Se a frente era estreita, os olhos um tanto oblíquos e a sobrancelhas pouco arqueadas, em compensação os cílios compridos e bastos faziam realçar o brilho dos negros íris; o nariz tinha uma retidão caucásica; os lábios pareciam tintos de carmim e a cabeleira negrejante, bem que áspera, espargia-se por um colo e seios admiráveis de contorno e de pureza. Para completar o tipo de uma bela moça nem sequer lhe faltavam pés e mãos de uma pequenez e delicadeza dignas de cuidadosa atenção (TAUNAY, 2000, p.30).

Deste modo, ao constatar os a mulher que Taunay amou durante sua vida, é possível que tanto Ierecê quanto Inocência personagens femininas linfáticas de suas principais obras possa ter sido recriadas a partir da índia Antônia.

Inocência era uma moça que vivia isolada do mundo e sob o autoritarismo do pai, o qual a prometera para Manecão, devendo a ele, após o casamento, total obediência. Segundo Taunay, pode-se notar na conversa entre Cirino e Pereira que a sua filha já estava prometida ao Manecão e que os pais “davam a mão de suas filhas muito cedo”:

-Ora muito que bem, continuou Pereira caindo aos poucos na habitual garrulice, quando vi a menina tomar corpo, tratei de casá-la. – Ah! é casada? Perguntou Cirino. – Isto é, é e não é. A coisa apalavrada. Por aqui costuma labutar no costeio do gado para São Paulo um homem de mão-cheia, que talvez o Sr. conheça... o Manecão Doca.../ - Não, respondeu Cirino abanando a cabeça. – pois isso é um homem às direitas, desempenado e trabucador como ele só... Fura estes sertões todos e vem tangendo pontas de gado que metem pasmo. Também dizem que tem bichado muito e ajuntando cobre grosso, o que é possível, porque não é gastador nem dado a mulheres (TAUNAY, 2013, p. 30).

Através das expressões de Pereira nota-se que o casamento é “negociado” entre o pai da moça e o Manecão, sendo de total interesse social, pois ele era fazendeiro, com uma enorme criação de gado, e como podemos ver na citação acima “tem bichado muito”.

Já Irecê, é uma índia *guaná* que vivia na aldeia dos *quiniquinaus*, com seu avô Morevi. Percebe-se neste conto que ela vivia sob o poder patriarcalista. Vamos observar na descrição abaixo o avô oferecendo Irecê para Alberto sem seu consentimento:

- É muito bonita! Exclamou o moço com sinceridade. O velho abanou a cabeça para confirmar aquele juízo entusiástico e tomou um ar benévolo e filosófico, de homem já alheio à paixão e que deixou à mocidade o direito de sentir aquelas comoções. – Você quer Irecê para sua mulher? Perguntou ele com alguma pausa e gravidade. Há de lhe dar comida e roupa. Alberto vacilou, mas Morevi, sem esperar pela resposta, pegou-lhe na destra e, abrindo-a, nela colocou a delicada mão da neta, ao passo que murmurava umas palavras cabalísticas, com os olhos meio cerrados (TAUNAY, 2000, p. 31).

De acordo com os costumes e crenças daquele povo, apenas Alberto Monteiro poderia romper o casamento com a índia, mesmo ele sendo um desconhecido, apenas ele teria o direito de não querê-la mais. Podemos analisar a descrição feita pelo autor:

Irecê não fora consultada e durante a cerimônia perfunctória que a ligava, segundo os costumes de sua gente, àquele homem desconhecido por um laço que não ela, mas só ele, podia romper, mostrou-se completamente indiferente (TAUNAY, 2000, p. 31).

Outro ponto que podemos observar com relação ao papel frente ao amor é que a personagem Inocência se nega a casar-se com Manecão, a quem seu pai a prometera:

(...) Está se... fazendo de ... engraçada, balbuciou Manecão. Pois já... se esqueceu... do que tratei com seu pai?... Parece que comeu muito queijo. Com a mesma entonação e cortando-lhe a palavra retorquiu ela: - Não me lembro. Houve uns minutos de silêncio. Acumulava-se a cólera no peito de Pereira; seus olhares irados iam rápidos de Manecão à imprudente filha. – Pois, se você não se lembra, disse ele de repente, eu cá não sou tão esquecido. (...) O nosso casamento... –Seu casamento? Perguntou Inocência fingindo espanto. – Sim... – mas com quem? – Ué, exclamou Manecão, com quem há de ser... Com mecê... Pereira fora-se tornando lívido de raiva. (...) À resposta de Manecão, levantou-se rápida Inocência e, como que acastelando-se por detrás da sua cadeira, exclamou: - Eu? ... Casar com o senhor?! Antes uma boa morte!... Não quero... não quero... Nunca... nunca (...) (TAUNAY, 2013, p. 127).

No trecho acima nos deparamos com um ato de rebeldia de Inocência quando esta diz que não vai se casar com Manecão, que prefere a morte de que se casar com aquele

homem rude, visto que Inocência já não admite mais ser manipulada como se fosse uma marionete nas mãos do pai.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após o contato com as obras de Visconde de Taunay, um escritor memorialista crítico que retratou a fronteira do Brasil, constatamos que são obras que enriquecem a história e a cultura brasileira.

O Universo Feminino nas obras de Visconde de Taunay, representa a história da mulher brasileira que esteve submissa à uma sociedade patriarcal, ou seja, o poder estava nas mãos do pai e depois do marido, mas, jamais nas mãos dela própria. Período no qual as mulheres foram silenciadas e o aprisionamento doméstico era o seu reduto. Este período ficou marcado por um patriarcalismo exacerbado, pois, foi no século XIX que mais se acentuou.

Em relação ao regionalismo de Taunay no século XIX, destacou-se devido a presença de traços regionalistas, pois registra as tradições do povo do Sertão, seus costumes e também, as descrições das paisagens do interior do Brasil. Essa característica do escritor mais se acentua em sua obra *Inocência*, visto que é um romance adentrado no sertão do Brasil no século XIX, sob o poder patriarcalista. Em *Inocência*, temos a presença descritivista dos costumes, das crenças, da linguagem usada pelo povo sertanejo e por fim, as descrições dos personagens. Personagens típicas sertanejas, imbuídas de comportamento, crenças, e atitudes próprias do meio em que viviam. No conto *Irecê a Guaná*, o escritor retrata um amor não idealizado entre duas raças, a europeia e a índia. No qual descreve os costumes, crenças, a linguagem usada pelo povo da aldeia *quiniquinaus*, e do personagem europeu Alberto Monteiro.

Ainda sobre *Irecê a Guaná*, é possível aproximar um amor real que Taunay teve durante sua participação na Guerra do Paraguai e que o mesmo transpôs para a ficção. Visconde de Taunay conheceu a bela Antônia, na qual se inspirou para escrever suas obras que são objetos desse estudo. Com base nessa aproximação entre história e ficção, buscou-se contrapor as musas de Taunay Irecê e Inocência analisando as semelhanças e diferenças entre as personagens. Foi possível detectar aproximações e distanciamentos entre o comportamento das duas personagens femininas em relação ao amor, à família e ao ambiente na qual cada uma estava inserida. Porém, no geral, ambas estavam sob o

domínio patriarcal e sem grandes expectativas de mudança, visto que é um processo que se apresenta a passos lentos. Por fim, acredita-se que as duas obras selecionadas apresentam inúmeras possibilidades de análise e ainda é possível ampliar esse estudo. Estudo esse que fica para um próximo momento, já que tenho a intenção de continuá-lo posteriormente.

Esperamos que esse trabalho possa contribuir de alguma forma para a divulgação das obras e que os estudos sobre a participação das mulheres na sociedade interfiram diretamente na realidade das mesmas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BEAUVOIR, Simone de. **O Segundo Sexo**. Tradução Sergio Milliet. 2ª ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BOSI, Alfredo. **História concisa da Literatura Brasileira**. 43ªed. São Paulo: Cultrix, 2006.

BÜHLER, Andréa Morais Costa. **A (R)evolução de um olhar: o feminino em José Lins do Rego**. João Pessoa: Manufatura, 2005.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura brasileira: momentos decisivos**. 2 v. 8ªed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1997.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. 9º ed. Editora Ouro sobre Azul. Rio de Janeiro, 2006.

CANDIDO, Antonio. **Brigada Ligeira**. 3ªed Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004.

COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Rio de Janeiro: José Olympio, v.4. 1986.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da História**. 3 ed. São Paulo: Paz e Terra, 1988.

TAUNAY, Visconde de. **Reminiscências**. 1º ed São Paulo: Francisco Alves & C, 1908.

TAUNAY, Visconde de. **Memórias**. 1º ed. São Paulo: Editora Iluminuras LTDA, 2004.

TAUNAY, Visconde de. **Inocência**. ed. 2013 São Paulo: Editora Difusão Cultural do Livro, 2013.

TAUNAY, Visconde de. **Inocência**. São Paulo: Editora Melhoramentos,1967.

TAUNAY, Visconde de. **Irecê a Guaná**. São Paulo: Editora Iluminuras LTDA, 2000.

ZOLIN, Lucia Osana. **Crítica Feminista**. In: BONICCI, Thomas & ZOLIN, Lucia Osana. **Teoria Literária: Abordagens Histórias e Tendências Contemporâneas**. Maringá, EDUEM, 2004.